

IV SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXII Semana de Iniciação Científica

21 a 25 de outubro de 2019

Tema: “Desmonte da Pesquisa, Ciência e Tecnologia: repercussões e impactos tecnológicos, sociais e culturais”



JARDIM E CRATO ENTRE ARMAS E CACETES: A CONSTRUÇÃO DA GUERRA DO PINTO MADEIRA PELA HISTORIOGRAFIA E SUAS ABORDAGENS NO ENSINO DE HISTÓRIA.

Iêda Mayara de Santana¹

RESUMO:

Nesse estudo buscamos entender as narrativas sobre Guerra do Pinto Madeira através de uma perspectiva de construção da verdade pela historiografia do século XIX e XX, dominada por intelectuais que por meio de seus escritos preencheram o tempo com fatos alinhados cronologicamente, e construíram uma imagem da Guerra bem como uma verdade para o Pinto Madeira e seus cabras, consolidando o conflito como sendo um fato de História Local, uma das partes constituintes do que hoje chamamos História do Cariri. Sobre essa guerra existem muitas versões. Narrada inicialmente por um seleto grupo de intelectuais, buscavam criar uma verdade sobre o passado que os serviria e justificaria seu presente, elabora-se uma versão para a guerra e seus participantes que, gestada no seio desse pequeno grupo, é levada para o Ensino de História. Cabe-nos, através da análise historiográfica, cercar esse objeto por todos os lados e responder as indagações como, de que forma essa verdade foi gestada pela Historiografia? Como chega ao Ensino de História? Quais as versões para a Guerra do Pinto Madeira presentes nos materiais voltados para o Ensino de História? Uma vez que direcionamos nosso interesse para o que foi escrito sobre o conflito, o espaço de atuação será a historiografia, não apenas do século XX, como do XX e trabalhos mais atuais sobre o tema. Por se tratar de um estudo historiográfico, diversos períodos estarão compreendidos na pesquisa nos escritos analisados.

PALAVRAS-CHAVE: Historiografia, Invenção, Guerra e Ensino.

1. INTRODUÇÃO:

“É o cariri uma estreita faixa de terreno sertanejo, com fontes que nunca secam.”

(Irineu Pinheiro)

Situada ao Sul do Ceará, a região do Cariri é historicamente lembrada pelas suas belezas naturais, muitas vezes descritas com empolgação pelos viajantes do período colonial como um “oásis” em pleno sertão. Essa região foi palco, em 1832, de um conflito armado entre as cidades de Jardim e Crato,

¹ Graduada em História pela Universidade Regional do Cariri – Urca. Mestranda do curso profissional em Ensino de História – URCA/ Rede PROFHISTÓRIA. Licenciada em História – URCA. Docente do Centro Educacional Sagrado Coração, Campos Sales – Ce. Bolsista de tutoria UAB/UECE. Email: mayara.santana@uece.br

conhecido como Guerra dos Cacetes ou Guerra do Pinto Madeira. Segundo a historiografia tradicional sobre a guerra, os primeiros representavam monarquistas, os segundos republicanos, que entram para a história como antigos inimigos.

É essa historiografia mais positivista que constrói como estopim do conflito a abdicação de D. Pedro I, em 1831, após a qual os monarquistas jardinenses teriam iniciado uma guerra pelo seu retorno acreditando que a abdicação tinha sido forçada por pressões dos republicanos. Essa historiografia também aborda as antigas desavenças entre as cidades como parte das motivações que teriam levado à guerra. Entre essas motivações situam-se: o fato de Jardim ter se emancipado de Crato em 1816, a participação de cratenses representados pela família Alencar na Revolução Pernambucana, e Confederação do Equador, 1824², contra as quais Joaquim Pinto Madeira, futuro comandante das tropas jardinenses no conflito, lutou ao lado das forças imperiais, ou a onda de violência desencadeada após a proclamação da independência feita pela família Alencar no Crato e posteriormente em Jardim³.

Sobre essa guerra existem muitas versões. Narrada inicialmente por um seleto grupo de intelectuais, buscavam criar uma verdade sobre o passado que os serviria e justificaria seu presente, elabora-se uma versão para a guerra e seus participantes que, gestada no seio desse pequeno grupo, é levada para o Ensino de História.

É no decorrer do século XIX que o discurso historiográfico ganha estatuto de cientificidade e o historiador, antes homem de letras, passa a ter o status de pesquisador sendo o responsável pela formação de uma nação homogênea e estruturada em bases sólidas, que através do passado deveria consolidar um presente, presente este o qual se tinha um modelo exato a ser consolidado pelo

² Ambas ocorridas na Província de Pernambuco e ambas espalham-se por outras províncias, sendo que a primeira trata-se de uma revolução democrática que pretendia instaurar a República em Pernambuco, que passava por situação de crise, fome e miséria, e a segunda eclode após outorga da Constituição de 1824, e visava separação das Províncias do Norte situadas próximo a linha do equador, como Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e, provavelmente, Piauí e Pará. (Ana Sara RibeiroParente Cortez Irffi, 2015)

³ Segundo Maria Jorge dos Santos Leite, no artigo “A influência das Revoltas Liberais no Cariri Cearense e Revolução de Pinto Madeira”, ANPUH, 2013; ao chegar de Pernambuco, o seminarista José Martiniano de Alencar, com a ajuda da mãe Bárbara Pereira de Alencar, e do vigário Miguel Carlos da Silva Saldanha, teria proclamado no Crato uma República, em 03 de maio de 1817, dois dias depois teria seguido para Jardim, onde residia seu tio Leonel pereira de Alencar, e junto a outros revolucionários, segundo a autora, hasteado a bandeira e proclamado uma República ali também, o que provocou reações por parte dos monarquistas jardinenses.

passado, restava construir os fatos para que esse modelo fosse atingido. Nesse sentido, Manoel Luis Salgado Guimarães, em *“Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional”* sustenta os argumentos formulados para o desenvolver dessa pesquisa. Segundo o autor:

É, portanto, à tarefa de pensar o Brasil segundo os postulados próprios de uma história comprometida com o desenvolvimento do processo de gênese da Nação que se entregam os letrados reunidos em torno do IHGB. A fisionomia esboçada para a Nação brasileira e que a historiografia do IHGB cuidará de reforçar visa a produzir uma homogeneização da visão de Brasil no interior das elites brasileiras. (GUIMARÃES, 1988, p. 6)

O passado deveria ser, portanto, construído a partir de um objetivo no presente, a consolidação da Nação Brasileira. É objetivando essa construção que os acontecimentos são colocados na ordem do tempo, gestados para obedecer a uma orientação de presente, nessa produção poucos acontecimentos poderiam ganhar destaque. Esse discurso histórico é produzido a partir de uma lugar⁴, a exemplo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ocupado por uma elite intelectual dominante.

Definindo a nação brasileira a partir de fatos pretéritos, que fossem merecedores de homenagem, e de tão gloriosos justificassem a consolidação de uma nação; negros e indígenas não são incluídos nessa ideia, pois o conceito de nação, segundo Salgado, (1988), é operado *“eminenteemente restrito aos bancos, sem ter, portanto, aquela abrangência a que o conceito se propunha no espaço europeu.”*, negros e indígenas, assim, passam a ser o outro perante o qual uma nação é erguida.

É também nesse período que:

“... ocorreram discussões e mudanças nos programas para as escolas elementares, secundárias e profissionais e os objetivos do ensino de História foram se definindo com maior nitidez. Ao mesmo tempo em que seu papel ordenador e civilizador era cada vez mais consensual, seus conteúdos e formas de abordagem refletiam as características da produção historiográfica então em curso, sobre os auspícios do IHGB.” (FONSECA, 2006, p 47)

⁴ Na concepção de De Certeau, *“A escrita da História”*, 2010.

Dialogamos com Thais Nívia Fonseca no livro “*História e ensino de História*”, pois essa historiografia pensada e escrita pelos intelectuais do IHGB a nível nacional, era influenciadora direta dos conteúdos e abordagens para o ensino de história, durante praticamente todo o século XIX, resultando em uma História ensinada fortemente política, nacionalista e que exaltava mitos fundadores. A influência do IHGB no ensino de história pode ser exemplificada pelo fato de que o livro didático de maior sucesso adotado na segunda metade do século XIX, era de Joaquim Manuel de Macedo, sócio ativo do IHGB.

O esforço de criar uma nação pelos intelectuais do IHGB, pode ser entendido pela sua ligação com o Estado Imperial, maior interessado na consolidação de uma Nação brasileira, que em determinado momento da história do Instituto, chegou a financiar quase totalidade dos seus gastos (SALGADO, 1988). O Ensino de História nesse período se propunha a solidificar essa nação através dos ensinamentos sobre o passado, sobre os heróis que justificavam o presente e faziam dele digno de glória.

2. OBJETIVOS:

Geral:

Entender como a Guerra do Pinto Madeira foi construída pela historiografia através das muitas versões escritas sobre o conflito, e como essas versões são abordadas no Ensino de História.

Específicos:

- Analisar os escritos históricos tradicionais, bem como os mais recentes sobre o conflito, mapeando as narrativas sobre o mesmo;
- Entender como as narrativas sobre a guerra chegam ao Ensino de História, através de obras voltadas para o mesmo;
- Construir um jogo de tabuleiro ambientado na Guerra do Pinto Madeira.

3. METODOLOGIA:

Para confirmar ou refutar as hipóteses supracitadas, a metodologia adotada consiste em análise historiográfica, posto que o estudo investiga a escrita da história, através das narrativas sobre a Guerra do Pinto Madeira, ou Guerra dos Cacetes e como essa escrita chega ao Ensino de História. Dessa forma, trabalharemos com as diferentes versões da história local sobre os

acontecimentos relacionados ao conflito, iniciando pelas narrativas de meados do século XIX, abrangendo para os escritos dos intelectuais no século XX e estudos sobre o conflito mais atuais, que serviram e servem de base para o que foi, é, e será ensinado nas escolas sobre a história local.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A historiografia dos séculos XIX e XX, através dos intelectuais que nesse período tomaram para si a missão de registrar a glória do presente através do passado, ainda encontra eco nos dias atuais, e é a base para muitos escritos sobre a História do Cariri e a Guerra do Pinto Madeira.

Sabendo que esses escritos representam a realidade desejada em determinados momentos, não queremos inferir que os mesmos não devem ou podem ser usados para a análise historiográfica, mas que, ao pesquisar nesses escritos, os historiadores devem ter o cuidado da crítica, de entender que são fruto de um período e uma consciência histórica distintas, e foram escritos para obedecer a objetivos bem determinados. Assim, ao analisar tais escritos notamos que uma versão foi criada para a História do Cariri, assim como para a Guerra do Pinto Madeira, versão essa que, por ser escrita em um período onde a escrita positivista dominava os Institutos Ilustrados, pode ser revisitada, e fonte para muitas outras interpretações.

5. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO:

FONSECA, Paulino Nogueira Borges da. **Execução de Pinto Madeira perante a História e a Execução da Pena de Morte no Ceará**. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo 50, 1842.

FONSCECA, Nívea Thais de Lima e. **“História e Ensino de História”**. 2º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GUIMARÃES, Luis Salgado. **O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 5-27, 1988.

HARTOG, François. **Regimes de Historicidade: presenteísmo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

